

Jornal vê Brasil vulnerável

LONDRES – O ritmo lento das reformas constitucionais, centro da estratégia do governo para cortar despesas, deixa o Brasil vulnerável aos caprichos de investidores estrangeiros, advertiu ontem o *Financial Times*, principal jornal econômico-financeiro europeu, em caderno especial sobre a visita do presidente Fernando Henrique à Grã-Bretanha.

Com humor britânico, o correspondente do jornal no Brasil diz que a globalização tomou o lugar do crime nas conversas da hora do jantar, desde que o país sentiu o impacto da crise asiática. “A crise sublinha duas importantes contradições sobre o renascimento econômico brasileiro”, diz a matéria. De um lado, há uma resposta firme do governo; do outro, fica exposta “a inabilidade do governo em conseguir a aprovação do amplo programa político necessário para consolidar a estabilidade econômi-

ca e lançar as bases para um ataque organizado contra as desigualdades sociais brasileiras.”

Com o fracasso na redução das despesas públicas, acrescenta o jornal, o governo é obrigado a elevar os juros e desviar a poupança privada de atividades produtivas, desacelerando o crescimento. “Sem uma ação decisiva na frente fiscal, as conquistas dos últimos três anos correm o risco de ser destruídas.” Não se deve subestimar, segundo o *Financial Times*, os danos que uma maxidesvalorização pode vir a causar, como a volta da inflação, as taxas de juros ainda maiores e uma recessão prolongada. No plano político, a reeleição de Fernando Henrique estaria liquidada.

Subdesenvolvido – A ironia, diz o jornal, é que a crise chegou num momento em que o Brasil voltava a ter peso na economia internacional e o otimismo em relação ao país era grande. Mais: apesar do mercado po-

tencial, o número de telefones por habitante é um dos menores da América Latina; o mercado de seguros é subdesenvolvido como em alguns países africanos; e a Argentina tem proporcionalmente 10 vezes mais assinantes de TV por assinatura.

Se tudo correr bem, até o fim da década o programa de privatização terá arrecadado mais do que os da Grã-Bretanha, Argentina, México, Chile e Peru juntos, observa a matéria. Esse novo poder econômico torna a política externa brasileira mais decidida e atuante. O país é líder do Mercosul e está se aproximando da Venezuela, numa tentativa de formar o bloco comercial sul-americano. “Mas a queda da inflação não basta para que o Brasil realize seu grande potencial. Suas ambições políticas e econômicas serão frustradas, se não houver considerável progresso na solução dos enormes problemas sociais”, conclui o artigo principal.

Dúvida – O jornal constata que a crise asiática deixará uma sombra de dúvida por algum tempo. Apesar da vulnerabilidade, a ação decidida contrasta com omissões e respostas insuficientes dos governos asiáticos. As privatizações estão mudando os sistemas de porto, rodovias e ferrovias, que se misturam com o sonho Brasil. Mas os investidores continuam preocupados: o Brasil foi o mercado de bônus mais atingido com a crise e a venda de automóveis caiu 40% em novembro, assustando a indústria automobilística, que prometera fazer investimentos maciços no país.

El Niño pode ajudar o Brasil, já que a agricultura não foi atingida e pode exportar mais. Quanto aos problemas ambientais, o *Financial Times* adverte que, embora as atenções se voltem para a Amazônia, as cidades do Rio e de São Paulo têm tremendos problemas ecológicos. (N. F. J.)